

Sumário



Apresentação, 11

Introdução, 17

1. Paternidade cuidadosa, 25
2. Agentes abusivos: suportes deficitários, 41
3. Relação entre a figura e o fundo, 53
4. Cuidado paterno: a figura na clareira da saúde, 77
5. Delineando um projeto para o cuidado paterno, 87

Referências bibliográficas, 97

Apresentação



Surpresa e honrada com o convite para fazer a apresentação deste livro, começo sua leitura. Avanço pelo texto, reconhecendo um percurso que contempla a área acadêmica e a clínica. Sou merecedora da escolha. Além da universidade, atuo como terapeuta de famílias e de pessoas que sofrem a violência da vida contemporânea. Sigo curiosa e muito interessada no tema do cuidado paterno. A autora possui um estilo peculiar. Penso em Adelmá, com seu sorriso destacando-se vermelho no rosto claro, emoldurado com fios dourados em irreverente arrumação. Lembro-me de sua originalidade, de sua alma de peregrina, da determinação – ação com profundidade. Depois dos longos vôos, de volta ao Pará. Seu pouso, seu posto.

Dessa vez foi mais longe, Portugal. Em busca das origens do tema do cuidado paterno? Da velha Pátria? Como o texto ensina, Portugal exerceria um pátrio poder sobre nós? Não, infelizmente o tema da falta de cuidado paterno e da

violência é mais universal e complexo, e não circunscrito ao eixo Brasil–Portugal.

Este é um livro sobre cuidados paternos, o que em si já o diferencia da habitual tematização dos cuidados maternos. Na verdade, pareceu-me uma excelente desculpa para fazer uma ambiciosa pesquisa bibliográfica e de campo sobre o tema da paternidade e, de quebra, da violência doméstica cometida pelo pai.

Ao explorar a amplitude das motivações psicológicas pessoais em conjunção com o contexto social, político, religioso e biológico, a autora fez uma abordagem do campo de possibilidades que configura o evento da dupla violência: que um pai, em vez de exercer as funções de cuidado e proteção impostas por seu tempo, sua cultura e sociedade, valha-se de seu papel e da oportunidade para concretizar a falência desses códigos e registros, impondo pela violência doméstica um bloqueio do que nos torna humanos, ou seja, do amor consciente. O enredo do livro é construído para falar de “Zé alguém”, um tipo de pai marcado por valores pouco éticos ou estéticos, por certa história emocional única e de todos. Como diz a autora, seu objetivo foi “estabelecer um contraponto entre o cuidado e a violência praticada pelo pai no âmbito doméstico” (Introdução, p. 17). Bem, esse é apenas um dentre os muitos objetivos alcançados pelo texto.

As indagações sobre o tema nos levam à história da humanidade, pois discute como a noção e o direito de paternidade foram sendo forjados desde os gregos. O tecido da função

paterna e da violência foi tramado com muitos fios condutores: o discurso da história e da religião católica, da revisão dos códigos civil e penal, do atravessamento das dimensões temporal e social, buscando oferecer um panorama amplo acerca da manifestação da violência contra a mulher e os filhos. Incluindo exemplos da literatura e da filosofia, o texto envereda pelo estudo dos aspectos da subjetividade masculina, da paternidade cuidadosa ou negligente. Em alguns momentos, os relatos são circunscritos a pesquisas realizadas no Brasil e em Portugal. Em outros, convida-nos a pensar em suas dimensões de época e essência, e não de geografia local.

Seguindo a linha da abrangência dos possíveis aspectos presentes no campo da violência, é sugerido que pensemos em uma visão mais profilática do tratamento do agressor.

O tema da violência e das intervenções necessárias não é novo, mas a sensibilidade, o afeto e o cuidado com que a pesquisa foi realizada transparecem nesta obra. O que mais gostei, nessa colcha-de-retalhos erudita que me chegou de Belém, foi ver um texto escrito por uma psicóloga que supera o vício de reduzir a questão aos seus aspectos psicopatológicos, abordando-a em suas múltiplas versões: da paternidade e da violência. Num estudo ideográfico, “um pai violento” é *aquele pai violento*, e “a filha lesionada” é *aquela filha lesionada*. Ambos são entrevistados. No registro de sua formação como Gestalt-terapeuta, observa e capta o que é singular e o que escapará à situação única dessa pessoa e sua família e se constituirá como uma questão de todos. O enfoque é dado como uma função do contato indivíduo—organismo/mundo. Na fron-

teira de contato com o mundo social, ético e moral, vemos o organísmico, não o biológico. O pai, a filha, a pesquisadora, todos nós e os outros. Todos, partes formadoras de formados por uma totalidade. Como algo que é uma função da fronteira do contato organismo/mundo, a paternidade não exercida e a violência doméstica, bem como a condução de como lidar com elas, recebem de Adelma a postura crítica da não-isenção. O texto não o isenta de suas responsabilidades por conta das “influências” do modelo machista e sexista, não o reduz nem o acusa. É ele, é o mundo. Na fronteira entre os mitos sobre paternidade e violência, entre as aprendizagens sociais e a confusão mental, destaca-se o problema da autoridade, da hierarquia, das fronteiras inexistentes. Padrões de afetividade e padrões relacionais vão diferenciar o “homem-bicho” do homem do amor recíproco.

Adelma adentra no emaranhado da subjetividade masculina e destaca que ser pai é um fato social e legal bem definido: “não se é pai por via biológica, mas por ato formal”, afirma ela. Surge, assim, uma revisão da noção psicológica e legal sobre a paternidade e as especificidades da função e do papel em aspectos como cuidado, autoridade, instabilidade do papel, rarefação do pai e declínio da paternidade moderna. Para encerrar, antes que, no entusiasmo de apresentar a riqueza do livro, eu escreva outro, gostaria de destacar ainda uma interessante síntese que constrói um escopo teórico com umas tantas vertentes do “tornar-se violento”:

E a “Gestalt” se fecha na proposta de uma ação profilática que possa

fornecer indicadores para que profissionais de Psicologia, Pedagogia e Serviço Social que atuam em instituições de acolhimento ou públicas conheçam alguns aspectos da violência sexual intrafamiliar, além de focalizar a reinserção da criança ou adolescente vítima de maus-tratos à família sanguínea ou adquirida. (p. 21)

Percebo que fiquei contaminada pela autora e gostaria de elencar tudo que ela me suscitou como revisão, novidade e reflexão. Estou preenchida com essa leitura e quero honrar a boa forma do texto. Descubro como terminar: lembro-me de que você tem o livro para ler... Desfrute-o.

Sandra Salomão Carvalho

Mestre em Psicologia Social pela UFRJ,
gestalt-terapeuta pelo Training Center of San Diego,
na Califórnia (EUA), professora e supervisora
de estágio na PUC/RJ e organizadora de congressos
nacionais e internacionais.

Introdução



O objetivo deste livro é estabelecer um contraponto entre o cuidado e a violência praticada pelo pai no âmbito doméstico. Partindo de uma perspectiva gestáltica, desenho o campo de análise construindo interlocuções entre o tema e panoramas acerca da manifestação da violência contra a mulher e os filhos. Delineando aspectos da subjetividade masculina e da paternidade cuidadosa, focalizo alguns modelos de tratamento do agressor e proponho que pensemos em modos de efetivar a prevenção à violência intrafamiliar fortalecendo a nutrição psicológica¹ dos meninos.

O *cuidado* entre as pessoas é uma necessidade e uma atitude *figural*. A prevenção² primária visa evitar que a vio-

1. O provimento de alimentos imprescindíveis ao desenvolvimento, na criança, da auto-estima e do autoconceito positivos (Pimentel, 2005).

2. Devido à complexidade das intervenções sobre as formas de violência, considero mais eficaz trabalhar com os conceitos de prevenção primária, secundária e terciária. Ver Ezpeleta, 2005.

lência se presentifique nas relações entre as pessoas; estimular a vigência da saúde no cotidiano que permeia a teia de relações humanas (Arendt, 1999); liberar o potencial criativo e transformador do homem para reduzir a ação violenta em todas as suas modalidades – física, psicológica, sexual etc. –, violência essa que grassa nos canais de comunicação e nos silêncios das casas, tornando a vida uma mercadoria, um bem, não um valor.

O pólo saudável do cuidado e o pólo adoecido da violência integram o fundo do campo fenomenológico das relações humanas e configuram uma polaridade, sobretudo em algumas famílias: o pólo adoecido vem crescendo a ponto de provocar a perda do sentido ético das funções paternas.

A deterioração das funções familiares acompanha a transformação do capital financeiro, cuja estratégia de revitalização pauta-se na venda, no comércio e na substituição imediata das mercadorias. Esse princípio estende-se para o campo do humano, de modo que substituir alguém nos postos de trabalho, na afetividade e nas relações interpessoais é uma ação vulgar.

Vale recordar que a violência atravessa a vida humana desde o tempo em que as organizações sociais deixaram de ser simples e orientadas por leis tácitas e sem hierarquia entre gêneros.

Um saldo dessa perda é a morte psicossocial de crianças, jovens, adultos e idosos. Pode ser também a morte física. O contato perde sua força vital (Polster e Polster, 2001) e isso amplia sua fronteira de modo a encobrir a luz gerada pelo encontro entre um eu e um tu (Buber, 1981). Sobretudo

crianças e adolescentes repercutem o adoecimento do contexto social – cuja gravidade está relacionada, também, com a ausência do apoio familiar.

O desenvolvimento humano é produto da interação permanente entre fatores biológicos, ambientais, psicossociais, culturais e econômicos que permeiam a realidade do indivíduo. A seqüência das aquisições motora, cognitiva, psicológica etc. é processual, e uma das funções da família é atender às necessidades básicas das crianças e dos adolescentes, não apenas no que diz respeito a moradia, higiene, alimentação e saúde, mas também às suas demandas afetivas, permitindo assim que sua subjetividade seja estruturada saudavelmente.

Quanto às funções paternas, não paira dúvida de que entre as mais nutritivas estão o oferecimento de afeto, alimentação, banho e lazer, o acompanhamento do crescimento saudável etc., se possível junto com a mãe. Entretanto, nem sempre o cuidado é a diretriz que orienta a atitude paterna.

Assim, se não é possível prevenir a crescente violência sexual contra menores, é preciso investigar e intervir para ajudar a reestruturar as famílias que convivem com a violência, já que a criança e o adolescente que são alvo dela percebem o lar como um lugar de agressão, não de proteção. A ocorrência de maus-tratos aumenta os riscos de atrasos no desenvolvimento.

Neste livro, além da pesquisa bibliográfica, realizei uma busca documental e exploratória com dois membros de uma família vitimada por violência física, psicológica e sexual. A investigação de campo foi apreciada e aprovada em setembro de 2006 pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciên-

cias da Saúde da Universidade Federal do Pará, sob o protocolo número 109/06.

Consultei documentos que integram o acervo de duas instituições que conduziram o caso: uma de acolhimento e outra do sistema de segurança penal. As fontes são os prontuários individuais em que foram registrados todos os procedimentos públicos oficiais em relação às vítimas e ao agressor. Os informantes foram a filha mais velha e o pai agressor. Como instrumentos de coleta de dados usei com ele a entrevista semidirigida, tendo realizado três delas no centro de recuperação em que ele cumpre pena; e, com ela, a entrevista clínica, em número de cinco, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Do ponto de vista do tratamento teórico das análises, selecionei unidades de significação para discutir os atos discursivos presentes no texto, partindo das referências da fenomenologia do discurso (Ricoeur, 1988) e da Gestalt-terapia.

Ouvi o pólo da vítima, menina que atualmente é uma jovem com várias funções desenvolvimentais afetadas, em especial na área cognitiva e social; e o pólo do agressor, hoje um idoso apenas que continua não admitindo ter praticado as modalidades de violência pelas quais foi condenado.

Minhas intenções foram refletir sobre os motivos que levam um pai a ferir a ética do cuidado e investir na prevenção, isto é, disseminar com este livro as funções saudáveis que cabem ao pai no que diz respeito à promoção do desenvolvimento processual dos filhos.

Assim, esta obra tem por objetivos fornecer indicadores para que profissionais de Psicologia, Pedagogia e Serviço Social que atuam em instituições de acolhimento ou públicas conheçam alguns aspectos da violência sexual intrafamiliar, além de focalizar a reinserção da criança ou adolescente vítima de maus-tratos à família sanguínea ou adquirida.

Essa é uma tarefa complexa, particularmente quando o agressor é um membro da família. O exame da paternidade possibilitará a nós pesquisadores adentrar num universo intrincado em que o silêncio, o medo e a culpa atuam simbioticamente em prol do não-enfrentamento da questão.

Segundo Ricotta (2002, p. 18), o comportamento do agressor é

abusivo, possessivo, controlador, tanto física quanto psicologicamente; pode ter influência de uso do álcool ou drogas; não compartilhado, não estabelecendo intimidade com as demais pessoas; geralmente ocupa função de hierarquia que “deveria” ser de proteção (pai, mãe, marido, esposa, um policial, professor etc.); tem predisposição à agressividade e à violência em função de seus registros pessoais e históricos de origem.

Acerca da violência intrafamiliar da perspectiva dos direitos humanos, Brauner e Carlos (2004, p. 136) “consideram que essa modalidade que atinge mulheres e crianças [...] possui como fundamento não só a hierarquia entre os gêneros, no caso da violência praticada pelo marido ou compa-

nheiro, como também o poder patriarcal, estigmatizado, na figura do ‘homem da casa’” .

Os dois fundamentos são visíveis na história desse pai que cometeu violência física e emocional contra a esposa – aterrorizando-a, ameaçando-a, punindo-a com a retirada dos filhos e, por fim, assassinando-a –, fazendo a mesma coisa com os filhos, além da violência sexual, no dizer da filha, exigindo que o masturbasse.

O que aconteceu com o pai em seus anos de andança? O que ele aprendeu nesse período? O que o distanciou dos alimentos afetivos, das cobranças familiares, das orientações e dos valores com eles aprendidos?

Sobre a hipótese de Azevedo e Guerra³ de que o agressor poderia ter sido vítima de violência sexual, perguntei-lhe se havia sido abusado pela irmã, com a qual mantinha uma relação de estreita intimidade, ao que respondeu negando, risonho, sem demonstrar espanto ou revolta comigo, porém certa ironia e assombro, como se já não houvesse escutado milhares de histórias sobre relações sexuais, inclusive dos colegas de cela. Soube mais tarde pelo diretor da casa penal que ele ficou com muita raiva de mim e não desejava mais falar comigo.

Segundo Monteiro Filho e Phebo (1997, p. 10), abuso ou violência sexual é

3. Comentamos o caso em um único encontro no Laboratório de Estudos da Criança (Lacri) do Instituto de Psicologia da USP, em 2006.

a situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto ou adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder. Inclui manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, “voyeurismo”, pornografia e exibicionismo e o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência.

Esse é um tipo de violência que pode repercutir no desenvolvimento emocional, cognitivo ou social de uma criança, especialmente quando é provocada pelo cuidador consanguíneo.

O cuidado não é uma demanda moral da vida cotidiana. É uma escolha que integra a ontologia das relações humanas éticas. O pai, a despeito dos sintomas decadentes que suas funções vêm sofrendo, junto com as da mãe, é um dos suportes indispensáveis ao cuidado primário dos filhos e à elaboração da herança ética.

1. Paternidade cuidadosa



Neste capítulo faço uma revisão de algumas teses acerca de subjetividade masculina e concepções/modelos de paternidade, para mais tarde relacionar esse material com os dados empíricos da pesquisa sobre a violência sexual intrafamiliar praticada por um pai.

SUBJETIVIDADE MASCULINA

Refletir sobre a paternidade necessariamente requer observar a construção da subjetividade masculina. No Brasil, o estudo da identidade masculina começou nos anos 1970. O Rio de Janeiro, por meio dos estudos de Nolasco, foi a primeira cidade em que os estudos acerca da subjetividade masculina tiveram visibilidade. Segundo o autor, os homens procuram novos modelos para a construção da identidade, agora não mais orientada pela virilidade e poder (Nolasco, 1993).